



FAIXAS DE HIATO URBANO EM CIDADES NOVAS PLANEJADAS: MARINGÁ, PARANÁ¹

Karin Schwabe Meneguetti

Professora Doutora; Programa Associado de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo;

Departamento de Arquitetura e Urbanismo; Universidade Estadual de Maringá; Maringá - Paraná;

ksmeneguetti@uem.br

RESUMO

Enquanto os fundamentos teóricos da morfologia urbana e das faixas de hiato urbano conduzem para algum consenso, a investigação empírica em contextos culturais diversos daqueles que os originaram apresenta ainda muita possibilidade de pesquisa. Neste sentido, este trabalho pretende, através da aplicação da metodologia da escola inglesa de morfologia urbana em uma cidade nova, planejada, no interior do Brasil, da forma mais coerente possível com os exemplos já estudados, possibilitar comparações. Assim, a identificação das faixas de hiato urbano na cidade de Maringá confirmou a validade da metodologia, destacando aspectos relevantes: a configuração da cidade planejada, implantada em sua totalidade, compara-se à conformação das cidades europeias muradas, atestando a força das linhas de fixação na criação das faixas de hiato internas. As demais faixas se apresentam de forma menos significativa. A grande diferença da cidade estudada se dá na temporalidade, visto que os intervalos de tempo de formação das faixas são muito menores que dos exemplos originais. Assim, este trabalho alimenta o debate sobre a aplicabilidade da abordagem e a possibilidade da criação de uma ferramenta útil no debate da conservação da qualidade urbana das cidades brasileiras.

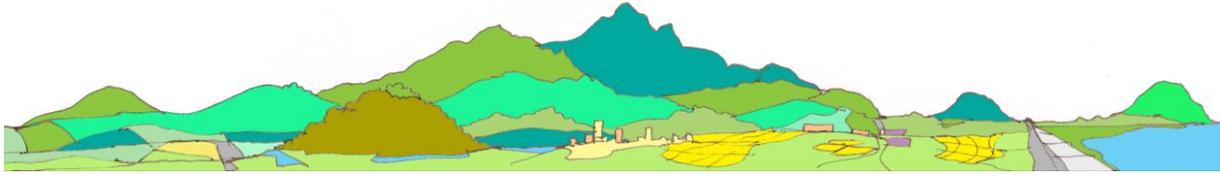
Palavras-chave: Morfologia urbana; Faixas de hiato urbano; Metodologia; Cidades novas.

URBAN FRINGE BELTS IN PLANNED NEW CITIES: MARINGÁ, PARANÁ

ABSTRACT

While the theoretical foundations underpinning the concept of urban fringe belts have led to some consensus, related empirical research, carried out in different cultural contexts, still raises important questions. In relation to these observations, this work intends to apply the

¹ Uma versão deste trabalho, em língua inglesa, foi publicada em MENEGUETTI e PEREIRA COSTA, 2015.



methodology of the English urban morphology school to a planned new town setting in Brazil in order to draw comparisons. Thus, the identification of urban fringe belts in Maringá city has confirmed the validity of the methodology, highlighting a common relevant aspect: the planned city configuration may be compared to the formation of ancient walled cities, attesting to the strength of fixation lines in the creation of inner fringe belts. Subsequent fringe belts have been depicted less significantly. The major difference is related to temporality, as the intervals of time over which the fringe belts have been formed are much smaller than in the original examples.

Key-words: *Urban Morphology; Urban fringe belts; Methodology; New Towns;*

INTRODUÇÃO

A morfologia urbana parece estar ocupando paulatinamente um espaço de convergência entre pesquisadores de diversas áreas, que se utilizam de suas metodologias e conceituação para homogeneizar o debate entre objetos e interesses paralelos. Vê-se o crescimento das discussões sobre o tema através dos encontros sob a responsabilidade do ISUF (International Seminar on Urban Form) e, mais recentemente, o PNUM (Portuguese Network of Urban Morphology). No Brasil, estudos recentes foram apresentados e discutidos nesses encontros e têm sido sistematicamente desenvolvidos pelo Laboratório da Paisagem da Universidade Federal de Minas Gerais (PEREIRA COSTA e MACIEL, 2008 e 2009; PEREIRA COSTA *et. al.*, 2011) e pelo Grupo de Pesquisa Cidade e Paisagem da Universidade Estadual de Maringá.

Estes estudos procuram aplicar e avaliar a potencialidade da teoria da morfologia urbana para casos diversos daqueles que a originaram. Neste artigo apresenta-se a aplicação das faixas de hiato urbano em uma cidade nova brasileira, cujo projeto original baseia-se nos princípios formais da cidade jardim inglesa.

A faixa de hiato urbano é um tipo de unidade de paisagem amplamente reconhecido, e tem uma relação estreita com o desenho urbano. Por conta de seu potencial ecológico, e, principalmente, de sua articulação da estrutura histórico-geográfica da cidade, os hiatos urbanos merecem maior consideração do que têm recebido no planejamento e projeto urbanos. A conexão entre os estudos da morfologia e do planejamento ambiental tendem a



evidenciar a necessidade e a viabilidade de uma abordagem holística na qualificação e controle da expansão urbana.

APLICAÇÃO NA CIDADE DE MARINGÁ - PARANÁ

As faixas de hiato urbano têm sido confirmadas em cidades de todo o mundo, em todas as escalas geográficas, como demonstrado por M. P. Conzen (2009). Aplicações práticas desses estudos estão sendo comprovadas, principalmente em sua relevância no planejamento urbano (ver WHITEHAND; MORTON, 2003).

Embora os fundamentos teóricos essenciais das faixas de hiato urbano conduzam para algum consenso, a investigação empírica em contextos culturais diversos apresenta muitos obstáculos práticos, mas também grandes oportunidades (M. P. CONZEN, 2009, p. 37). Neste sentido, este trabalho pretende aplicar a metodologia da escola inglesa da forma mais coerente possível com os exemplos já estudados, com o objetivo de possibilitar comparações.

A tradução, não só linguística como também conceitual, da metodologia demanda uma abstração entre características urbanas diversas. Em alguns casos esta tradução pode se mostrar questionável, porém, também é objetivo deste trabalho alimentar o debate sobre a aplicabilidade da abordagem e a possibilidade da criação de uma ferramenta útil no debate da conservação da qualidade urbana das cidades brasileiras.

Como levantado por M. P. Conzen, as questões que permanecem a serem respondidas nos estudos de faixas de hiato são: “o que exatamente pertence a uma faixa de hiato; qual princípio inclui ou exclui determinadas categorias de uso do solo ou lotes de uma determinada faixa de hiato ou de faixas de hiato em geral; como lotes de hiatos espalhados são atribuídos a uma faixa de hiato ou outra?” (2009, p. 37).

No primeiro estudo sobre a cidade de Maringá (PEREIRA, MENEGUETTI e REGO, 2011), o resultado final mostrou as faixas conforme período de tempo dados pelas principais legislações urbanísticas.

Os critérios de determinação das faixas, no entanto, mereceram uma revisão por conta da tradução de outros tipos de uso adaptados à realidade brasileira.



Por se tratar de uma cidade planejada, comparou-se o plano inicial da cidade de Maringá aos limites da antiga cidade murada, tendo o perímetro urbano inicial funcionado como uma linha de fixação. Este limite fica claro na instalação de atividades características de área não urbana nas suas imediações. Deste modo, as áreas institucionais que foram planejadas e localizadas dentro do plano original não foram consideradas como faixas de hiato. As faixas foram identificadas ao longo ou além dos limites desse plano, tomando como exemplo as cidades muradas.

Esta decisão, fundamental para o estudo comparativo, baseou-se nas características intrínsecas da faixa de hiato, apresentadas anteriormente: a localização primeiramente em áreas urbanas periféricas; a espontaneidade de sua implantação; e os usos não urbanos.

Outra revisão que se fez importante foi a inserção das chácaras de produção hortifrutigranjeira ou de lazer como tradução de *allotments* (M. P. CONZEN, 2009, p. 33), apesar de, no caso europeu, as dimensões serem bem mais reduzidas do que a realidade local. Neste caso, considerou-se como faixa de hiato urbano os lotes de até um alqueire que envolviam a área do projeto inicial, de chácaras de produção hortifrutigranjeira, cujo desenho deixava clara a intenção da formação de um cinturão verde, a versão local para o “green belt” da proposta de Howard para a cidade jardim (MENEGUETTI, 2009).

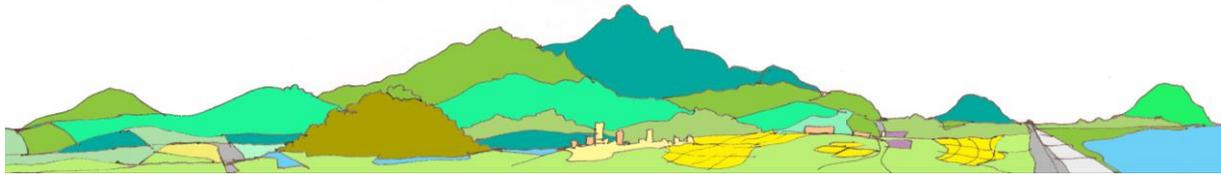
Assim, para que se pudesse minimamente comparar resultados com demais cidades pelo mundo, foram considerados os seguintes critérios para a determinação das faixas de hiato urbano:

- Lotes de grande área e usos variados, com baixa densidade.
- Grandes equipamentos institucionais.

Não foram considerados faixas de hiato urbano:

- Os equipamentos institucionais planejados e inseridos na área do Plano Inicial, exceto a zona industrial, por seu uso incongruente com o restante da malha.
- Áreas de reservas florestais, por se tratarem de áreas protegidas por lei que foram englobadas na malha urbana, e que, portanto, são destituídas de decisão locacional.

As faixas foram estabelecidas e desenhadas por períodos coincidentes com os principais períodos econômicos. São eles: 1947-1950 (Fig. 2); 1951-1965 (Fig. 3); 1966-1980 (Fig. 4);



1981-1995 (Fig. 5); 1996-2010 (Fig. 6). Entre os dois primeiro períodos de análise, 1947-1967, a principal economia municipal estava baseada na venda das terras da companhia colonizadora e início do povoamento, principalmente, dos lotes rurais. Todavia, foi no terceiro período de análise, 1967-1979, que ocorreu o auge da agricultura cafeeira que impulsionou o desenvolvimento econômico em diversas áreas. Já nos dois últimos períodos, 1979-2006, houve a transição da economia, passando do setor primário, de produção de matéria prima, até se consolidar como setor terciário, de comercialização de produtos industrializados e prestação de serviços.

A sobreposição destes mapas é apresentada na figura 1, com a evolução das faixas de hiato urbano pelos períodos. Demonstra-se que a maior parte das faixas de hiato urbano foram criadas no início da cidade, processo que só foi comparável com a instituição da zona industrial a sudoeste, no terceiro período.

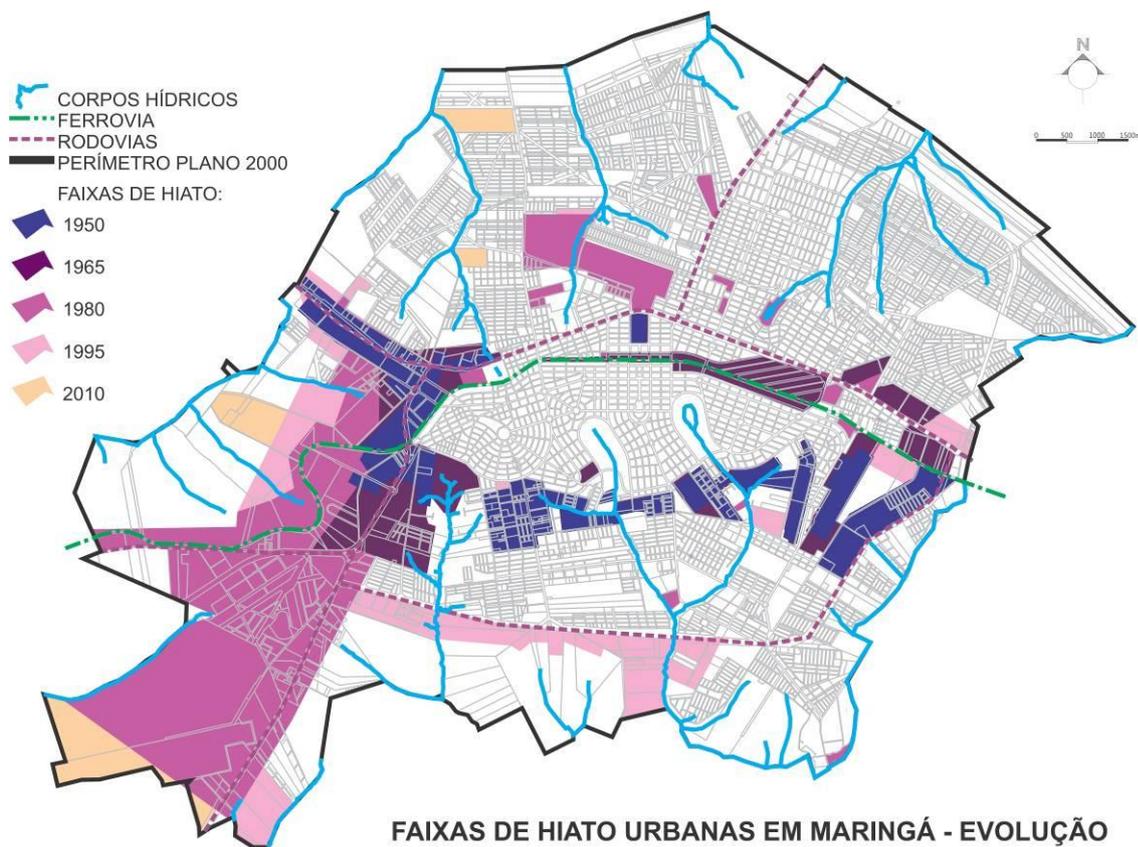


Figura 1 – Evolução.



Desta feita, os dois primeiros períodos foram responsáveis pela conformação de uma faixa quase que contínua, que revela claramente a linha imaginária dada pelo limite do projeto original da cidade como uma forte linha de fixação.

Outras faixas de hiato, principalmente do terceiro e quarto período, formam uma nova faixa, menos contínua que a primeira, com características mais similares a faixa intermediária.

CLASSIFICAÇÃO DAS FAIXAS DE HIATO URBANO DE MARINGÁ

Relacionadas com sua posição na malha urbana, estas faixas puderam ser classificadas em: interna, intermediária e externa, de acordo com a conceituação teórica de IFB, MFB e OFB – *Inner Fringe Belt*, *Middle Fringe Belt* e *Outer Fringe Belt*, como pode ser visto na figura 2.

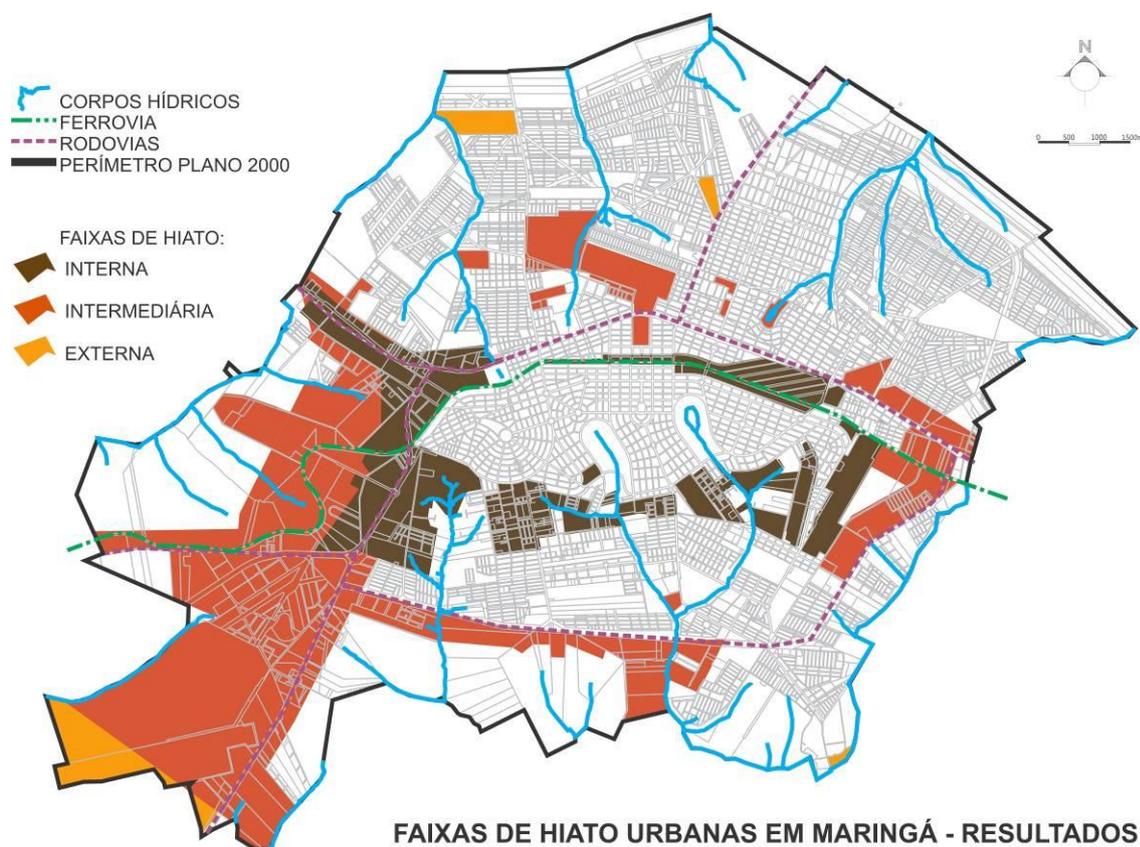
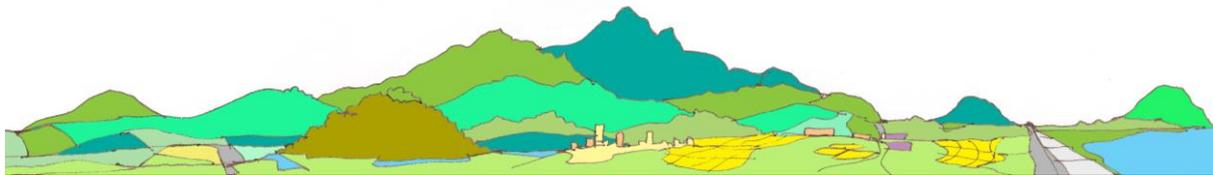


Figura 2 – Resultados.

Com a denominação das faixas de hiato interna, intermediária e externa pode-se iniciar uma tentativa de comparação com outras cidades, como feito por M. P. Conzen (2009).



Apesar de Maringá ter uma história ainda recente (fundada em 1947), principalmente se comparada aos exemplos europeus, duas faixas de hiato são claramente reconhecíveis. A primeira, ao longo dos limites do projeto inicial da cidade, que aqui toma a forma de uma linha de fixação, parece corresponder àquelas dadas por fortificações urbanas, e atender aos conceitos de Faixa de Hiato Interna (*Inner Fringe Belt*).

A segunda faixa, como visto em outros casos, é apenas parcialmente formada por linhas de fixação. São elas: ao sul, o anel viário denominado Contorno Sul; a leste, o limite do aeroporto; a oeste, a parte inicial da zona industrial. O restante da faixa, ao norte, obedeceu a decisões locacionais outras, como a disponibilidade de terras, tornando visível a ausência de barreiras geográficas para a expansão urbana ao norte da cidade.

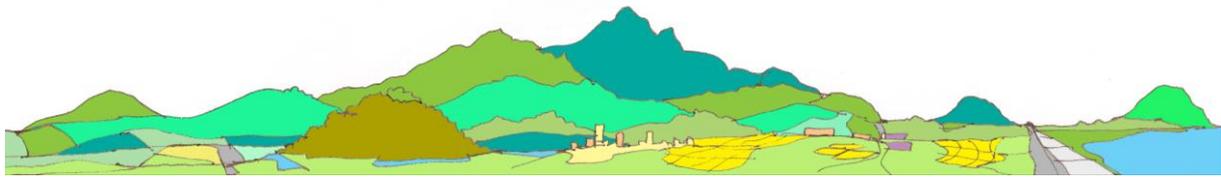
Algumas áreas desconexas e em posição mais periférica da malha urbana mostram uma tendência de formação de uma faixa de hiato externa, de acordo com M. P. Conzen: “usualmente consistem de grandes e dispersas parcelas que somente raramente são contíguas a outras” (2009, p. 46). Não são ligadas a linhas de fixação, e talvez por este motivo tendam a se manter em posição mais isolada na malha residencial.

Uma peculiaridade importante neste caso é a diferença temporal na formação das faixas de hiato. Pode-se datar a formação da faixa de hiato interna entre 1947-1965, ligada ao momento de implantação da cidade e seus limites originais, que conduziram à implantação desses usos típicos de faixas de hiato junto à linha de fixação – os limites urbanos. A faixa intermediária ocorreu entre 1980-1995, como produto de um momento importante na expansão urbana e, principalmente, na transformação econômica da cidade. Este fato não se vê em nenhum outro exemplo publicado.

CONCLUSÃO

A aplicação da teoria da morfologia urbana, especificamente da escola inglesa e dos conceitos de faixas de hiato urbano em uma cidade brasileira, nova, planejada de acordo com os princípios formais da cidade-jardim inglesa, revela potencialidades importantes para o levantamento e diagnóstico das formas urbanas essenciais para o equilíbrio ambiental da cidade.

Os procedimentos metodológicos adotados foram a identificação e mapeamento das faixas de hiato segundo a base teórica apresentada, por períodos de tempo relacionados aos



ciclos econômicos, e a caracterização das faixas conforme a literatura (M. P. Conzen, 2009), para fins de comparação com demais estudos existentes.

Da identificação das faixas de hiato urbano da cidade de Maringá tem-se que a configuração da cidade planejada, implantada em sua totalidade, compara-se à conformação das cidades antigas muradas, apresentado nos limites do projeto uma linha de fixação com conseqüente faixa de hiato urbano ao longo dela. Assim, a primeira faixa de hiato urbano pode ser caracterizada como faixa interna (IFB), e se comporta de modo bastante semelhante aos demais casos já estudados.

A segunda faixa, mais esparsa e vinculada a trechos de linhas de fixação ou totalmente solta, também é coerente aos aspectos levantados pela teoria. Alguns novos espaços sinalizam a tendência de criação de uma terceira faixa no futuro.

Como particularidade do caso estudado tem-se a temporalidade na criação e transformação da própria cidade e conseqüentemente das suas faixas de hiato urbano. Neste caso, um intervalo de apenas trinta anos produziu cada faixa existente, diferentemente dos estudos reconhecidos. Mais importante do que as particularidades, é a comprovação da validade do método para as cidades brasileiras, novas, planejadas, cuja dinâmica parecia muito mais distinta do que se apresentou no estudo.

REFERÊNCIAS

- CONZEN, M. P. How cities internalize their former urban fringes: a cross-cultural comparison. *Urban Morphology*, v. 13, p. 29-54, 2009.
- MENEGUETTI, K. S. Cidade jardim, cidade sustentável: a estrutura ecológica urbana e a cidade de Maringá. Maringá: Eduem, 2009.
- MENEGUETTI, K. S.; PEREIRA COSTA, S. de A. Urban morphological practice: an example from Brazil. *Urban Morphology*, v. 12, n. 2, p. 139-40, 2008.
- MENEGUETTI, K. S.; PEREIRA COSTA, S. A. The fringe-belt concept and planned new towns: a Brazilian case study. *Urban Morphology*, v. 19, p. 25-33, 2015.
- PEREIRA, J. A.; MENEGUETTI, K. S.; REGO, R. L. Urban fringe belts em cidades novas: o caso de Maringá – Brasil. *Paisagem & Ambiente: ensaios*, n. 29, p. 85-102, 2011.



PEREIRA COSTA, S. de A. ; MACIEL, M. C. Urban morphological practice: an example from Brazil. *Urban Morphology*, v. 12, n. 2, p. 139-40, 2008.

PEREIRA COSTA, S. de A. ; MACIEL, M. C. *Fringe Belts* no Município de Belo Horizonte. In: TÂNGARI, V. R.; ANDRADE, R.; SCHLEE, M. B. *Sistema de Espaços Livres. O cotidiano, apropriações e ausências*. Rio de Janeiro: UFRJ, FAU, Pós-Graduação em Arquitetura, 2009.

PEREIRA COSTA, S. de A.; TEIXEIRA, M. C. V.; MACIEL, M. C.; SIMÃO, K. M. C.; PERNA, S. A. Research on Fringe Belts in Belo Horizonte/Brazil. *Anais: International Seminar on Urban Form*. Montreal, Canadá: ISUF, 2011.

WHITEHAND, J. W. R. e MORTON N. J. Fringe belts and the recycling of urban land: an academic concept and planning practice. *Environment & Planning B: Planning & Design*, v. 30, n. 6, p. 819-839, 2003.

AGRADECIMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil.